



A ESCRITURA FEMININA DO SÉCULO XIX: POLÍTICA DE SILENCIAMENTO E RESISTÊNCIA

Lucirley Alves de Oliveira¹

O século XIX foi importantíssimo para a construção de uma literatura nacional. Entre os anos 1801 e 1900, tivemos no Brasil os movimentos do Arcadismo, Romantismo, Realismo, Naturalismo, Parnasianismo e Simbolismo. Os livros de Literatura adotados nas nossas escolas apontam os principais autores desses movimentos e entre eles estão grandes nomes, como: Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga, Basílio da Gama, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Castro Alves, José de Alencar, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Olavo Bilac, Cruz e Sousa, entre outros. Nota-se que todos eles são homens e justamente por isso, vez ou outra, em sala de aula, ocupando a posição de professora, me deparo com a seguinte questão: não existiam escritoras nesse período?

Prontamente, respondo que sim, mas que elas não foram naquela época e, em partes, continuam não sendo reconhecidas como tal. O principal motivo desse não reconhecimento era o domínio da intelectualidade masculina, que determinava o que poderia ser considerado obra de arte. Isso significou a exclusão e o apagamento de uma vasta produção literária e o silenciamento das escritoras desse período. A trajetória de muitas mulheres escritoras do século XIX no mundo das letras é bem semelhante ao dos nossos escritores: começavam a trabalhar em algum periódico e, com isso, publicavam suas produções literárias nas edições que produziam ao exercerem a função de jornalista. A imprensa tem, dessa forma, um papel fundamental para a escritura feminina.

Outro aspecto importante nesse contexto é que o público leitor feminino só foi reconhecido e aceito socialmente também no século XIX, após ser apresentado à cultura impressa. A esse fato, o historiador francês Roger Chartier (1999; 2000) atribui ser uma das grandes revoluções da leitura, isso porque, conforme o próprio autor, “a leitura das mulheres foi submetida a um controle que justificava a mediação necessária do Clero, por temor das interpretações selvagens, sem garantia do poder” (CHARTIER, 1999, p. 109). Isso explica o motivo pelo qual as mulheres, durante muito tempo, não deviam nem podiam aprender a ler e escrever, já que essas atividades colocavam em risco a hegemonia do grupo social dominante.

Pensando nisso e filiada à Análise de Discurso materialista, busco analisar as marcas de resistência (ORLANDI, 2012) contra a política de silenciamento (ORLANDI, 2007) das escritoras oitocentistas através de periódicos produzidos e publicados por mulheres durante o referido século, a exemplo de *O Espelho Diamantino* (1827), *O Jornal das Senhoras* (1852) e *O Sexo Feminino* (1873).

Entendo o ato de resistir, em consonância com Orlandi (2012, p. 228), como uma forma de individu(aliz)ação do sujeito em relação ao Estado, dada a vinculação do Estado e do sujeito nos moldes da dominação ideológica, que se inicia a partir da “interpelação do indivíduo em sujeito pela

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (PPGL-UFPE). E-mail: lucirleydeoliveira@gmail.com



ideologia, no simbólico, constituindo a forma-sujeito histórica” que, para a autora, é a do sujeito capitalista. Nessa perspectiva, um dos movimentos do sujeito do capitalismo seria o de resistência à uniformização, ou seja, o de individu(aliz)ação diante da neutralização dos interesses individuais pelo Estado. Diante disso, podemos dizer que há diferentes formas de marcação do sujeito por meio da resistência. Uma dessas formas é a que buscamos elucidar neste trabalho, que é a da mulher escritora, assumindo uma representação de uma posição-sujeito dissidente, em contraposição a uma posição-sujeito dominante, que é a da sociedade patriarcal.

A posição dissidente constitui-se pela luta contra a política de silenciamento imposta pelo domínio da intelectualidade masculina, que determinava o que poderia ser considerado obra de arte e quem poderia produzir essa arte. Orlandi (2007) reflete que a política do silêncio possui duas formas de existência: o silêncio constitutivo, definido pelo fato de que quando dizemos algo outros sentidos possíveis são apagados; e o silêncio local, que se manifesta por meio da interdição do dizer, como a censura, por exemplo.

As mulheres leitoras e escritoras do século XIX fizeram dos periódicos e da literatura um espaço de resistência contra essa política de silenciamento da voz autoral feminina engendrada por uma sociedade de base falocêntrica. Vejamos como o movimento de resistência dessas mulheres aparece inscrito na materialidade discursiva de alguns periódicos publicados no mencionado século:

SD1: O JORNAL DAS SENHORAS redigido por uma Senhora mesma: por uma americana que, senão possui talentos, pelo menos tem a vontade e o desejo de propagar a ilustração e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher. (O JORNAL DAS SENHORAS, 1 jan. 1852).

Nesse fragmento, notamos que a enunciativa, Joanna de Noronha, atua na causa da emancipação da mulher, e o faz a partir do próprio ato de escrever um periódico destinado a elas como editora geral, assumindo, de tal modo, um lugar discursivo para si, um lugar de dizer. Destaco, ainda, o trecho em que a editora se refere a si mesmo como “senão possui talentos”, indicando que essa é uma visão que a sociedade possuía das mulheres, ou seja, a de que elas não teriam competência para desenvolver outras funções que não fossem mais as domésticas ou maternais.

Desse mesmo periódico, temos:

SD2: Acolhei-vos a elle, todas as que possuis uma faisca de intelligencia, vinde. Confidente discreto das vossas produções literarias; ellas serão publicadas debaixo do anonimo: porem não temaes confiar-mo-las, nem temaes dar expansão ao vosso pensamento; se o possuis é porque é dom da Divindade, e aquillo que Deus dá, os homens não o podem roubar. (O JORNAL DAS SENHORAS, 1 jan. 1852).

Agora, a editora destaca a inteligência que a mulher possui e incentiva suas contemporâneas a desenvolvê-la e disseminá-la por meio das produções que naquele periódico poderiam ser publicados. Mas evidencia-se também que a mulher, apesar de possuir inteligência e competência para produzir textos e publicá-los no periódico, poderiam ou deveriam fazê-lo sob o anonimato, provavelmente para fugir da perseguição dos pais ou maridos, que não aprovavam, nem reconheciam essa nova função desempenhada pelas suas filhas ou esposas.



Essa mesma preocupação pode ser vista no periódico *O Espelho Diamantino*:

SD3: Inutil he declarar que recebemos com o maior gosto, e inseriremos em o nosso periodico, as obras de Poesia e Prosa que nos serão transmettidas, convidando com especialidade as Senhoras para que nos honrem com os seus ensayos e produções, seguras do nosso discreto silencio, se hum excesso de modéstia as obriga a desejar que seu nome fique subtrahido aos elogios da fama. (O ESPELHO DIAMANTINO, set. 1827).

Percebemos novamente o cuidado em preservar os nomes das mulheres que, se assim desejassem, poderiam publicar seus textos no periódico. No caso desse trecho, o enunciador (não declarado) sugere que o anonimato das publicações seja por “excesso de modéstia” das mulheres que, assim, se preservariam dos “elogios da fama”, o que, de certa forma, é um pouco contraditório já que se coloca em jogo a emancipação da mulher, a liberdade da mulher escritora, com o seu anonimato, mais relacionado à representação da mulher “tradicional” que vivia protegida, enclausurada, com pouco ou nenhum contato com o mundo.

Tal representação também está presente no periódico *O Sexo Feminino*, conforme a SD4 que segue:

SD4: O seculo XIX, seculo das luzes, não se findará sem que os homens se convençam de que mais da metade dos males que os opprimem é devida ao descuido, que elles tem tido da educação das mulheres, e ao falso supposto de que a mulher não passa de *um traste de casa*, grosseiro e brusco gracejo que infelizmente alguns individuos menos delicados ousão atirar a face da mulher, e o que é mais as vezes, em plena sociedade familiar! (O SEXO FEMININO, 7 set. 1873, grifo da autora).

Destaco, inicialmente, a expressão “um traste de casa”. Era assim que alguns homens viam as suas esposas, ou seja, como uma criada, um alguém de pouco valor que só servia para os afazeres domésticos. Uma visão “grosseira e brusca”, de acordo com a enunciativa, no caso, D. Francisca Diniz, que se posiciona contrária a essa visão também por meio do uso de “falso supposto”, que antecede a expressão “um traste de casa”. Essa concepção da mulher atribuída ao homem pode ser entendida através do discurso do sistema patriarcal estabelecido na época em que o patriarca tinha o controle de tudo, inclusive da mulher, e a tratava, em alguns casos, da mesma forma que os seus escravos e criados. É fruto também da opressão do homem, enquanto “sexo forte”, sobre a mulher, considerada por alguns como o “sexo frágil”.

À vista disso, as análises nos levam a compreensão de que a resistência da mulher escritora do século XIX contra a política de silenciamento imposta pelo domínio da intelectualidade masculina se dá, inicialmente, pelo próprio ato de escrever que suscita a busca pela eliminação da exploração, da desigualdade e da opressão do gênero feminino, primando na sua escritura por valores de justiça, igualdade e participação da mulher na esfera pública, seja política ou social. É através dessa escritura que a mulher busca desde os séculos passados a quebra dos preconceitos que há muito tempo são reforçados pelo discurso e pela ideologia patriarcal, que ainda se faz tão presente na nossa sociedade e ressoam até mesmo nas páginas dos nossos livros didáticos.



REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Traduzido por Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999.

_____. As revoluções da leitura no Ocidente. In: ABREU, M. (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. São Paulo/Campinas: Fapesp/ABL/Mercado das Letras, 2000, p. 19-31.

O ESPELHO DIAMANTINO (set. 1827). Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=700312>>. Acesso em: 14 maio 2017.

O JORNAL DAS SENHORAS (1 jan. 1852). Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=700096>>. Acesso em: 14 maio 2017.

O SEXO FEMININO (7 set. 1873). Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706868>>. Acesso em: 14 maio 2017.

ORLANDI, Eni. Por uma teoria discursiva da resistência do sujeito. In: _____. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012, p. 213-234.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.